

ARTE E TÉCNICA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Duílio BATTISTONI FILHO

Nos últimos vinte anos, a bibliografia sobre a Arte Moderna, até então muito pobre, começou a se avolumar, em quantidade e qualidade; apareceram obras de referência, monografias fundamentais e boas traduções de autores consagrados. Todo esse novo instrumental estava pedindo um balanço aprofundado, uma súpula com salto qualitativo sobre aquelas anteriores, como é o caso do livro, **Artes Industriais - Do Decorativo Rococó ao Funcionalismo Industrial** do professor Hécio Pupo Ribeiro, da Faculdade de Artes e Comunicações, da Fundação Educacional de Bauru. Denota-se pela leitura do Prefácio que a obra pretende claramente servir "de introdução de iniciantes ao tema da evolução estética dos objetos no período contemporâneo e, simultaneamente, verdadeira obra de consulta, dada a extensa relação de referências sobre autores, períodos e movimentos".

Há várias facetas possíveis de considerar numa resenha crítica. Mas, naturalmente, elas confluem para uma só resultante: a preocupação do autor de reconstituir, como seu espaço narrativo, as chamadas "artes industriais". Os três primeiros capítulos, respectivamente, sobre Leonardo da Vinci, o Rococó e a Revolução Industrial, apesar de acadêmicos, primam pelas boas informações ali contidas. Entretanto, com os demais (Art Nouveau, Art Deco, Bauhaus, Vanguarda Russa e Desenho Industrial) há uma preocupação do autor em privilegiar a estreita relação entre artes industriais, produto da Revolução Industrial, e as demais técnicas que culminariam num vanguardismo que chamaríamos de "tecnológico".

À guisa de exemplo, basta verificarmos o "Art Nouveau" que recomenda o ressurgimento do ornamento artesanal, especialmente no trabalho caprichoso do ferro em arabescos graciosos" (p.43).

Mesmo o "Art Deco" sendo uma reminiscência daquele, onde os motivos pré-colombianos são evidentes, oferece aos adeptos do desenho industrial, inúmeras possibilidades de criação, assim como o movimento construtivista russo enaltece as qualidades da escultura, como é o caso de Tatlin.

O ponto alto do livro é o capítulo referente ao papel exercido pela Bauhaus nos anos vinte. O autor dá destaque especial ao relacionamento entre o ensino da Arquitetura e as demais artes aplicadas, mostrando o profundo entrosamento entre arte e técnica. Sob o comando de Walter Gropius, este instituto tradicional alemão defendia uma nova sistemática educacional que pudesse conduzir a um novo ensino especializado de ciência e técnica e daí ao conhecimento das necessidades humanas. No Brasil tivemos contacto direto com o ex-professor de Bauhaus, Max Bill, pintor suíço, internacionalmente conhecido como um dos pioneiros da arte abstrata, que aqui esteve, por ocasião da Primeira Bienal (1951), trazendo-nos a sua experiência e o seu exemplo.

Capítulo instigante é o relacionado com o "Desenho Industrial" especialmente no Brasil, quando o autor exalta os nossos designers que "atiram com entusiasmo à conquista de soluções estéticas mais condizentes com a atualidade" (p.122). Exemplo dignificante foi a instalação do Estúdio de Arte Palma, em 1948, projeto de Lina Bo Bardi e Gian Carlo Pallanti, onde a linha funcional ganharia notável espaço nas artes industriais.

O capítulo final é um preito de saudade e homenagem àquele em que as artes plásticas e a comunicação visual do Brasil muito devem: Aloísio Magalhães. Falecido em 1982, este artista pernambucano muito contribuiria para o aperfeiçoamento das artes cênicas e do Desenho Industrial no nosso país. No dizer do autor "era completo, genial" (p.132).

Enfim, um livro de leitura agradável, sem o pedantismo dos pseudo-escritores, onde percebemos a cada instante o domínio da matéria que o autor manipula, além das riquíssimas sugestões que a obra oferece aos aficionados da Arte Moderna.